

ANDRÉ VIANCO

AS CRÔNICAS DO FIM DO MUNDO

A NOITE MALDITA



SÃO PAULO 2012

As Crônicas do Fim do Mundo - A Noite Maldita

Copyright ©2012 by André Vianco

COORDENADORA EDITORIAL Carolina Ferraz

CAPA ???

DIAGRAMAÇÃO Carlos Eduardo Gomes

PREPARAÇÃO Filipe Nassar Larêdo

REVISÃO Equipe Novo Século

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vianco, André

00-00000

CDD-000.0000

Índices para catálogo sistemático:

2012
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
CEA – Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar
Bloco A – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial – Barueri – SP
Tel. (11) 2321-5080 – Fax (11) 2321-5099
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

CAPÍTULO 1

Primeira noite

Mesmo não vendo ninguém na estrada e nenhum veículo pelo retrovisor, ele bateu com a mão na seta, indicando que entraria na pista. A picape Toyota deslizou suavemente e num instante já estava a cento e vinte. Conduzia alheio à paisagem do entorno. Seus pensamentos não compartilhavam com sua curiosidade nata, a atração por lugares novos e desconhecidos. Seus olhos apenas monitoravam a estrada, mecanicamente, enquanto ele divagava sobre o que o levara até ali, ao interior do estado de São Paulo, rodando agora rumo à rodovia Raposo Tavares. Chegaria em casa em coisa de mais cinco horas de viagem. Não conseguiria abstrair olhando para as montanhas e plantações de soja ao redor, nem para os casebres ao alcance da vista. Era noite alta, madrugada entrando. O dia tinha sido cansativo e, apesar dos pedidos dos amigos para pernoitar em Palmital, não queria ficar ali. A única pessoa que poderia prendê-lo por algumas horas divertidas ou nostálgicas não estava mais lá, também tinha ido embora. Ele estava tão compenetrado em seus pensamentos e com tanta vontade de voltar para casa e para a noiva, que não tinha parado sequer vinte minutos no hotel Oriental para um revigorante banho e uma salutar troca de roupa. Sem dúvida nenhuma teria valido a pena um pouco de descanso. Estava com aquele mesmo terno preto escuro, muito bem cortado e ajustado ao corpo, há mais de vinte e quatro horas. Mesmo com o desodorante extra, não devia estar cheirando bem desde a hora do almoço. Sentia como se toda a sua vontade tivesse sido levada junto com o caixão que se perdera nas sombras ao final do funeral. Depois do enterro ficara divagando, só isso; lembrando-se de todos os amigos que tinham passado por sua vida. Não que fossem tantos, porque no meio dos seus trinta e seis anos sabia que tinha ainda muita lenha para queimar, mas era estranho, fazendo um breve retrospecto,

notar que, desde a faculdade, contava com um ou dois amigos novos apenas. Parecia que, a certa altura da vida, tinha ficado tão cético que novos amigos não lhe interessavam mais. Todo mundo lhe soava superficial demais, falso demais, cego à grande verdade que espreitava a vida. Involuntariamente puxou a gravata, que foi deslizando pelo colarinho até soltar-se. Depositou a peça vermelha no banco de couro do passageiro. O CD tocava agora pela quarta vez a mesma sequência predileta de Norah Jones, tornando-a chata e repetitiva até para ele, um fã. Pressionou a tecla rádio no volante, sem despregar os olhos da estrada vazia e monótona. Só estática. Deu de ombros. Encravado entre morros numa estradinha do interior não fazia dele um cara existindo num lugar privilegiado para receber transmissão de uma FM. Foi só então que lançou seu primeiro olhar curioso para fora, desanuviando-se por um segundo de seus lúgubres pensamentos. Abriu a janela. O vento frio entrando, fazendo dançar os longos fios de cabelo sobre seus olhos. Segurou-os sobre a testa e lançou mais um olhar para fora. Noite estrelada. Noite linda. Linda demais para receber na cova alguém de quem ele gostava tanto, alguém que valia uma viagem tão longa só para uma despedida unilateral. Deixou o vento barulhento entrar e fazer as vezes da FM para afugentar o sono. O frio também contribuía para mantê-lo alerta. Não queria parar antes de estar em casa; antes de estar com quem realmente se importava.

O resto das pessoas mais lhe dava asco do que prazer. Estava cansado de ficar entre estranhos e entre gente que só pensava em objetos, poses e materialismo fútil. Tinha ouvido dois netos da Norata discutindo durante o velório. Falavam de uma casa próxima à represa do Parapanema. Tentavam combinar com quem ficariam os dois jet skis que a avó mantinha na propriedade. Ela estava deitada no caixão, ainda sendo velada e visitada por uma centena de queridos amigos de toda uma vida, e os babacas ali discutindo o espólio. A maioria dos pesarosos condolentes eram septuagenários como ela, acompanhados por filhos ou netos que observavam – uns sorridentes, outros impacientes – os tantos encontros de parentes. Encontros comuns de cemitério, enquanto prometiam que deveriam se ver, conversar e ligar mais uns para os outros porque ela estava ali, bem perto, pronta para abocanhá-los também. A dona aranha

rondava suas casas durante as madrugadas, e eles remoíam os lábios e piscavam os olhos a cada amanhecer, contentes simplesmente por ainda estarem ali, perambulando pela terra, agradecidos com o destino que, insensível, brindava-lhes com mais um dia.

Viu as luzes de uma grande cidade surgindo à sua direita. Adorava viajar de carro e, antagônico aos pensamentos que escureciam sua alma naquela jornada, sempre apreciava quando, depois de uma hora completa, tomado pelo breu e pela solidão, conseguia ver sinais de civilização. As luzes amarelas tremeluzentes da iluminação pública iam salpicando e preenchendo o horizonte. Ele sorria enquanto seus olhos vasculhavam, tentando adivinhar se era uma cidade pequena ou grande a que se avizinhava e, por conta disso, só viu o pisca-alerta do caminhão no último segundo. Deu uma guinada feroz para esquerda e derrapou na pista ao tentar trazer a picape de volta ao controle. A freada brusca, dada no susto, não ajudou muito. Sorte dele o avançado da hora e o sistema ABS que o fez parar com relativa segurança na beira da pista contrária. Ficou olhando pelo retrovisor por um instante. O coração disparado, parecendo que ia sair pela goela. Um calor intenso, seguido de calafrio e tremor nas pernas. Saiu da caminhonete com a respiração ofegante, e os dizeres do para-choque do caminhão ainda gravados em sua retina: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Debruçou-se na frente do carro e lançou uma gol-fada de vômito no acostamento de terra. Respirou fundo mais uma vez. Estava indo rápido naquele instante. Sabia muito bem como ficaria o carro e as possíveis consequências do impacto. Trabalhava com isso todos os dias. Seus olhos se encheram de lágrimas e, num segundo, estava aos prantos, sentado no chão, junto ao pneu dianteiro esquerdo do veículo. Olhou novamente para a pista. Apesar da noite, as estrelas emprestavam um pouco de luz à estrada, e as marcas dos pneus de sua caminhonete atravessando a pista estavam tão nítidas quanto o cheiro de borracha queimada no ar. Aquele rompante lacrimoso durou uns seis minutos, tempo mais do que suficiente para extravasar toda a amargura e a dor que tinha segurado no peito até aquele momento. Durante a viagem de ida e todo o enterro não havia deitado uma lágrima sequer. Por conta disso, não estranhou e, para falar a verdade, sentia-se até melhor e mais confortável

agora. Sabia que, cedo ou tarde, explodiria, e nada como um pouco de adrenalina vendo a morte passar pertinho do seu para-brisa para acelerar o momento mágico e deixar extravasar tudo, ali, sozinho, sem o embaraço de pessoas por perto perguntando a todo instante se ele estava bem. Sentou-se no carro, o motor ainda funcionando. Engatou a marcha e retornou para a pista. O que teria acontecido com o caminhão? Era um daqueles modelos modernos, todo equipado com aparelhos rastreadores via satélite e antenas, que parecia poder sair dali sozinho, sem motorista nem nada. Vê-lo ali, parado, fora de um posto de serviços, vulnerável, àquela hora da noite era bem esquisito.

No quinto minuto, ainda revivendo o ocorrido, avistou, no fim de uma longa descida, outro caminhão enorme daqueles, com as torres de antenas de satélite formando um semicírculo branco no topo do cavalo, parado à beira da pista, já que naquele trecho não existia um acostamento decente. O veículo era um dos grandes, um treminhão, carregado de cana, com as luzes alaranjadas do pisca-alerta dardejando pelo asfalto. Desviou-se com boa antecedência dessa vez; um sorriso nervoso brotando no rosto. Passou devagar olhando para dentro da boleia e viu o motorista com um celular no ouvido. Acelerou e pegou uma subida longa. Avistou uma placa indicando o limite do município de Angatuba e então, outro caminhão parado na pista, na contramão. Parecia ser o dia nacional do azar do caminhoneiro.

Ao passar pelo trevo de Angatuba foi quando seus olhos pesaram de verdade, pela primeira vez. Estava cansado. Verdadeiramente cansado. Ali a estrada convergia para um trecho mais seguro, duas pistas com canteiro central. Essa nova tranquilidade ajudava a monotonia. Antes que batesse e capotasse, decidiu encostar no primeiro posto de gasolina com restaurante que encontrasse na estrada. Abriu novamente os vidros da frente para que o vento voltasse a mantê-lo desperto. Notou relâmpagos silenciosos iluminando as nuvens. Um cheiro diferente vinha do ar; um cheiro adocicado. Seus olhos mais uma vez convergiram para o acostamento. Agora um sedã Mercedes-Benz estava ali, parado, com o pisca-alerta acionado. Não cogitou reduzir a velocidade. Ouvia cada história sobre violência nas estradas. Adorava viajar de madrugada, mas era

justamente nesse horário que arapucas eram montadas para apanhar os mais incautos. De toda forma, não havia ninguém na pista acenando, pedindo auxílio. Só notou os vidros negros, fechados, e o carro parado, vítima de algum tipo de pane. Então, de uma curva à frente surgiu outro caminhão na pista do lado oposto. Pisca-alerta. Alguma coisa estava acontecendo. Não era possível tantos carros darem pane numa estrada de pista boa. Ato reflexo, sua mão direita pressionou o comando do rádio no volante. Talvez alguma rádio de notícias pudesse elucidar aquele estranho fenômeno. Ouviria algo como uma tempestade solar causando distúrbios naquelas máquinas de última geração que funcionavam com sistema auxiliar de navegação. No rádio, o chiado da estática. Pressionou a busca automática no dial. Chiado. Balançava a cabeça negativamente, tentando imaginar outra razão para tantos caminhões parados. Chegou a imaginar que talvez fosse o início de uma greve, mas daí o sedã não se encaixaria. Aventava hipóteses quando as luzes de um grande posto de gasolina surgiram à sua direita. Deu seta e apontou para a entrada, seguindo em direção às bombas. Mais um pouco e estaria na reserva. Encostou e desceu, espichando novamente as pernas. O frentista veio ao seu encontro.

– O que vai ser, doutor?

– Completa pra mim, rapaz.

– Vai pagar no dinheiro ou no cartão?

– Crédito.

– Vixe! Lamento, mas hoje o senhor tá sem crédito um tiquinho, doutor. As máquinas tão tudo travada, não tá passando nada. Necas.

– Amex?

– Nem Amex, nem Master, nem Visa. Nem mãe de santo dá jeito.

– Tem Banco24horas lá dentro? – perguntou, apontando para o restaurante.

– Ah, tem, sim.

– E café?

– Tem um tiquinho – respondeu o frentista, sorrindo.

– Completa o tanque que já trago o dinheiro.

Ele bateu a mão no bolso do paletó negro e tirou um maço de cigarros. Levou-o mecanicamente até a boca e um segundo depois já estava

com um deles aceso, espalhando um adocicado cheiro de cravo no ar. Caminhou até perto da entrada envidraçada da loja e mandou um olhar para dentro do restaurante-loja-de-tudo-o-que-é conveniência e viu o caixa 24 horas. Pelo menos não ia ficar sem gasolina. Tragou longamente o cigarro. Não sabia exatamente o porquê, talvez a fina que tinha tirado do para-choque do caminhão, talvez a cena repetida de caminhões enguiçados, mas alguma coisa o tinha deixado nervoso, ansioso, na verdade. A nicotina logo bateria no seu cérebro e traria um pouco de alívio para aquela tensão toda. Resolveu ficar ali fora, aproveitando o vento fresco da madrugada e esticando os músculos, exercitando o controle da respiração, saboreando a brisa fria até que o cigarro terminasse. Batia as cinzas quando um grito de mulher chamou sua atenção. Virou-se e viu um Fiat Uno arrancando do estacionamento e pegando a estrada, já totalmente acelerado, obrigando um caminhão embalado a buzinar e frear, levantando uma nuvem de fumaça com cheiro de borracha queimada. Encolheu os ombros, aflito, esperando o pior. Gente doida. O desastre foi evitado e o caminhão voltou à sua marcha na madrugada. Notou que o pátio apresentava um vaivém incomum de automóveis. Não que fosse um conhecedor da região, mas uns quatro carros estavam parados fora das vagas, sendo que havia espaço suficiente para estarem ordeiramente estacionados em seus devidos lugares. Ao menos um deles estava com o motor ligado. Pessoas falavam em voz alta dentro dos veículos. Viu uma garota de uns onze anos passar ao seu lado, chorando, entrando na loja de conveniência. Lá dentro, um homem a abraçou e acariciou sua cabeça. O homem parecia chorar também. A soma de todos aqueles indícios de coisas fora do lugar formava uma cena um tanto caótica para uma parada no meio de uma estrada que tinha estado praticamente deserta na última hora e meia. Olhou para o relógio. Três e meia da manhã. Pegou o celular no bolso da calça enquanto esfregava o sapato de couro preto na panturrilha para recuperar o lustro. Digitou a tecla três, atalho para sua casa. Um chiado. Esperou. Nada. Olhou para o display do aparelho. Sem sinal.

– Merda! Ela pode ter ligado – disse baixinho.

Guardou o celular dando algumas tragadas rápidas. Cofiou o cavanhaque por um instante, ainda meio que tomado pelo estado letárgico

que o mantivera mais ou menos no automático naquele dia inteiro. Para dizer a verdade, esse modo automático tinha começado assim que se sentou no carro em direção a Palmital, levando pouco mais que uma cueca na mochila. Ligou para a secretária desmarcar todos os horários. Falou cerca de meia hora com Débora sobre a viagem, sentado numa mesa do Franscafé perto do trabalho dela e então, já dentro do seu terno enlутado, partiu rumo ao interior do estado de São Paulo, deixando a Baixada Santista para trás. Débora não ralhou nem um pouco. Era por isso que gostava dela. Era independente e segura demais de si para se importar. Não entendia por que ele tinha feito aquela promessa para uma senhora que poderia ser chamada de estranha, entendia muito menos por tratar-se de uma promessa tão mórbida. A decisão de comparecer ao enterro de Norata tinha a ver com isso, um compromisso assumido na beira de um leito. E ela sabia que ele iria até o funeral dela fosse onde fosse. Ela não tinha a menor dúvida de que se a boa senhora fosse enterrada em Marte, seu noivo estaria lá. Ele coçou o cotovelo pensando um pouco sobre isso. Compromissos, Norata e Débora, enquanto caminhava até o banheiro masculino. Deu uma boa e demorada esvaziada com o cigarro pendendo em seus lábios e parou em frente ao espelho enquanto lavava as mãos. Estava um lixo. Um lixo por inteiro. Não eram só seus olhos que denunciavam o sono. Seu rosto todo estava despencando de cansaço e sendo carcomido por uma tristeza patológica. Essa luta nunca iria acabar, ele sabia muito bem disso. Tinha sido assim com sua mãe. Morreu de tristeza. Ele ainda encontrava refúgio nas drogas farmacológicas que manipulavam a tristeza e enganavam quimicamente seu cérebro, ajudando-o a seguir em frente. Deixou a água escorrer por mais de um minuto. Então, apagou o cigarro e jogou a bituca no lixo. Encheu as mãos e esfregou a água gelada no rosto. Pensou em encostar a caminhonete ali no estacionamento e tirar um bom cochilo. Espaço no banco de trás não faltava. Uma boa dormida e depois seguir viagem. Era o mais sensato a fazer. Saindo do banheiro trombou com um rapaz de uns dezessete anos que reclamava com o pai que vinha logo atrás. Falavam algo sobre ter que ter ligado mais cedo, que ali não tinha sinal algum. Continuou andando até chegar ao restaurante. Existia certa tensão pairando. Pessoas reunidas na

frente do aparelho de TV ligado e transmitindo chuviscos. Alguém falava que, quando vinha tempestade, às vezes os canais ficavam fora do ar. Mas o fato é que só havia relâmpagos no céu, nem uma gota de chuva ainda. Caminhou até o caixa eletrônico. Um sujeito baixinho, de boné, estava lá, batendo a mão fechada contra o teclado da máquina.

– Nem adianta, boy. Essa porcaria tá zoada – resmungou o baixinho.

Olhou pelo enorme vidro do restaurante e disparou para fora. O frentista já estava abastecendo sua picafe e sabia que estava sem dinheiro vivo no bolso.

– Pode parar! – berrou. – O caixa eletrônico não está funcionando.

– Virgem, doutor! Então lascou.

– Colocou um tiquinho?

– Não. Tá quase cheio agora.

– Merda!

Ele entrou na caminhonete e olhou no porta-luvas e nos porta-trecos espalhados pela cabine, juntando algumas notas de trocos antigos abandonadas no veículo.

– Saco!

Conseguiu juntar uma boa grana, mas não daria para pagar nem metade do tanque.

– O senhor tem cheque?

– Não uso mais cheque, amigo. Faz uns três anos.

– O senhor não é daqui, não é?

– Não. Sou de Santos.

– Olha, fala com a mocinha. Ela é a gerente. Esse problema com as maquininhas costuma passar logo, mas já faz mais de duas horas que travou tudo.

– Hum. – Fechou a porta da cabine. – Tá. É o jeito. Talvez volte logo.

Tirou o maço de cigarros do bolso novamente. Já ia acendê-lo quando a voz de uma mulher, aos prantos, chegou ao seu ouvido. A mulher estava de costas para eles, afastando-se de uma Quantum com os braços estendidos.

Ela trocou um olhar com o frentista, que se adiantou.

– Dona, o que aconteceu?

Do jeito que ela apontava para o carro, enquanto se aproximava do frentista, teve a impressão de que veria alguém esquartejado no banco de trás do carro. A mulher estava em choque. Que diabos estava acontecendo naquele posto de gasolina à beira da estrada?

– Eles morreram! Me ajudem, pelo amor de Deus!

– Qual o seu nome, senhora?

Foi a primeira vez que ela se virou para os homens que chegavam. Ela tremia. Olhou para o homem de cavanhaque que se aproximava. Ele tinha o rosto fino e o nariz pontudo, e uma feição ligeiramente familiar. Ela olhou para dentro do carro mais uma vez.

– Meu nome é Corina. Eles estavam dormindo quando eu parei pra usar o banheiro. Eles queriam comer... Eles só estavam dormindo até eu alcançar um restaurante. Acho que minha família está morta!

– Posso ver? Meu nome é Francis, eu sou médico.

A mulher não falou nada, saindo da frente imediatamente. No estado psicológico em que se encontrava, até mesmo para uma benzedeira ela daria passagem, esperançosa. Estava nervosa. Não tinha ideia do que havia acontecido à sua família.

Francis se aproximou da porta traseira da Quantum. Dois garotos aparentemente adormecidos. Levou a mão ao pescoço do primeiro. Parecia ter uns catorze anos, e o outro, uns dezoito. Jovens, aparência saudável. A pulsação de ambos estava fraca, a respiração igualmente débil era preocupante, contudo estavam vivos. Francis foi até o banco do passageiro. O marido da mulher também estava apagado. Mesma coisa. Pulso quase imperceptível e respiração mínima. Precisavam de cuidados imediatos. Estavam num tipo de coma e esta situação era sempre imprevisível. Poderiam ter um colapso respiratório a qualquer momento.

Francis viu a mulher segurando uma garrafinha d'água.

– Me empresta?

A mulher entregou para Francis.

– Eles... Eles... – gaguejou Corina, incapaz de completar a pergunta.

– Estão vivos, senhora.

Ele derramou um pouco no rosto do homem. Nada. Nenhuma reação. Ergueu a pálpebra e retirou o chaveiro da Toyota do bolso. Acionou

um botãozinho que fazia às vezes de lanterna. A pupila se fechou e, ao movimento leve do dedo do médico, o olho acompanhou. Isso dizia que, além de vivo, o cérebro também parecia funcionar.

– A senhora sentiu algum desconforto antes de chegar aqui?

– A bexiga cheia, só isso. Tava doida pra fazer xixi, daí parei. Se não, nem teria percebido eles assim, pensei que estavam dor...

– Não. Não é disso que estou falando. A senhora sentiu falta de ar, tontura, náusea?

– Não, nada. Nadinha.

– Jantaram juntos? Faz quantas horas?

– Acha que pode ser a comida?

– Pode ser um monte de coisas, dona. O que não podemos é ficar parados aqui. Temos que ir para um hospital, urgente. Estão vivos, mas com os sinais vitais bem reduzidos.

– Ai, meu Deus! Meu Deus! A gente parou para comer três horas atrás. Os meninos queriam parar de novo. Você sabe como eles são umas limas nessa idade.

– Poderia ser um vazamento de monóxido de carbono do motor para dentro do carro, mas a senhora também teria sentido alguma coisa ou, pior, desmaiado ao volante. Por isso, cogito intoxicação alimentar. É difícil evoluir igual para três elementos com idades e tamanhos diferentes, ainda mais evoluir de forma tão semelhante e tão rápida. Eles teriam reclamado de desconforto, dor ou dificuldade para respirar.

– Comemos todos juntos. Eu não estou sentindo nada.

– O pai tem alergia a algum alimento? Os filhos podem compartilhar e a senhora, não.

– Os meninos são do meu primeiro casamento. Ele não é pai deles. Pai biológico, quero dizer... É um ótimo pai.

Francis coçou a cabeça. Era estranho.

– Mesmo assim, precisamos ir voando para um hospital. A senhora tem Sem Parar?

– Tenho.

– Doutor, desculpa cortar um bocadinho, mas... e a gasolina? – interveio o frentista.

– Toma, fica com a chave do meu carro. Vou ajudá-los e volto assim que eles estiverem internados. Pode ser grave.

O frentista ficou com cara de tacho para trás, enquanto Francis empurrava o garoto menor para o meio e se enfiava lá atrás.

– Acabamos de passar por uma cidade. Angatuba. Podemos encontrar uma Santa Casa por lá. É nossa melhor chance. Aqui não tenho meios pra ajudar, mas lá teremos mais ferramentas para descobrir o que está acontecendo.

A Quantum arrancou do estacionamento e ganhou a rodovia num instante. A mulher ia com os faróis altos. Tinha parado de tremer e parecia confortada com a sorte de estar acompanhada por um médico naquele momento tão terrível. Intoxicação alimentar? Não parecia certo, mas ele, ao menos, tinha apontado alguns caminhos que poderiam responder a tenebrosa coincidência que colocava as três pessoas mais amadas de sua vida naquele cenário inesperado.

Quando alcançaram a praça do pedágio, encontraram mais carros parados no acostamento com os pisca-alertas ligados, capôs levantados. À direita, na cancela do Sem Parar, uma fila com duas dúzias de veículos empacados.

– Pega a normal mesmo, Corina. Vamos perder muito tempo nessa cancela.

– O que está acontecendo com todos esses carros? E no Sem Parar nunca tem fila.

– Tem algo de estranho acontecendo essa noite, dona. Meu celular está sem sinal, os cartões estão fora do ar, o banco não estava funcionando, o rádio da minha picape só dá chiado. Não duvido que eles tenham problemas dessa ordem.

– Cadeia de sistemas de comunicação.

– O quê?

A mulher repetiu a frase. Como Francis ficou calado, ela completou:

– São problemas na cadeia de sistemas de comunicação, é coisa rara.

– Raro nada. Vira e mexe meu celular fica sem sinal na estrada.

– O que estou dizendo é que é raro você não conseguir usar o seu cartão, o seu banco, o Sem Parar.

– E tem o rádio também. Não esqueça.

Corina pressionou um botão no painel. Um aparelho de rádio e CD acendeu. Francis sorriu quando a música do Plantação estourou na cabine. Funcionava!

– Desculpe, doutor. Meus filhos são doidos por essa banda.

– E quem não é?

A mulher apertou outro botão e o CD escapou pela boca do aparelho. Daí veio o chiado. A mulher ainda girou o dial. Estática em todas as estações, desapontando o médico.

– Esquisito isso, a senhora não acha?

– Aqui o rádio não é exatamente uma beleza.

– Mas pelo menos uma estação local estaria recebendo.

– Pois é, como eu disse, apagão na cadeia de sistemas de comunicação. Foi minha tese de doutorado. Coisa rara quando toda a cadeia se quebra. É um cenário típico de ataque de hackers ou, os tão em moda, terroristas cibernéticos.

– Ah! Então a senhora também é uma doutora?

– Sim. Doutora em telecomunicações, esposa, ex-esposa, mãe e veterinária nas horas vagas. Temos dois gatos velhos em casa.

Corina conduziu o carro através do quarto guichê, baixou o vidro elétrico, notou que os carros da frente mal paravam, passando rapidamente. Na sua vez a garota do guichê foi logo avisando para passar sem pagamento, o sistema operacional estava fora do ar. Do outro lado do pedágio, tomaram o rumo da cidade.

– Coisa rara – repetiu Corina. – Até as rádios estão fora do ar. Como conseguiram isso?

A placa na beira da estrada indicava que a cidade estava a vinte quilômetros dali.

Corina chegou ao hospital com certa facilidade. Conhecia um pouco Angatuba por conta de um namorado da adolescência. As ruas permaneciam as mesmas e o ar interiorano impregnado em cada esquina. Parou bem na porta do pronto-socorro. Duas ambulâncias estavam ali, com o giroflex ligado.

Francis saltou para fora rapidamente.

– Vamos ver se conseguimos cadeiras de rodas ou macas para eles. São pesados demais pra gente carregar. Olhe-os aqui, que eu trago ajuda.

Francis adentrou. De cara notou que estava um tanto cheio para um pronto-socorro de uma cidade daquele porte. Uma movimentação frenética de enfermeiras e uma fila grande de gente impaciente se acovelando no balcão da recepção. Não estava certo se tinha o luxo desse tempo todo. Segurou pelo braço uma enfermeira que passava e pediu uma cadeira de rodas.

– O senhor já preencheu a ficha na recepção?

– Qual recepção, aquela ali infestada de gente brava?

A enfermeira se desvencilhou da mão de Francis.

– Essa mesma. É a única que temos e o senhor vai ter que esperar. Isso aqui está um inferno.

– Fora da rotina?

– Sim, senhor. O doutor Braga acha que é um surto.

– Surto? Surto de quê?

– Ainda não sabemos, senhor. Pode ser algum alimento estragado. As pessoas estão chegando aqui...

– Comatosas.

– É.

Francis viu Corina se aproximando, aflita, esfregando as mãos.

– Eles vão ajudar minha família?.

– Quem é o chefe do plantão? – perguntou Francis.

– Doutor Sérgio Braga. Agora me dá licença que eu estou levando esses exames para o laboratório.

O médico deixou a enfermeira seguir seu rumo, olhou para Corina e depois para o corredor entupido de pacientes.

– Espere aqui. Eu já volto.

Corina viu o homem entrar no corredor e sumir após uma porta vaivém.

Lá dentro do pronto atendimento, Francis caminhou em passos lentos, vendo os colegas atenderem pessoas apagadas, deitadas nas macas e camas hospitalares. Apesar da cidade ser pequena, o hospital de emergência parecia bem estruturado, mas a equipe de plantão jamais daria

conta de um evento inesperado como aquele. Uma médica mais alta que Francis tomava a temperatura de uma velhinha no leito. Francis sorriu, pois essa era a sua especialidade. A médica era alta e encorpada, uma mulher forte. Tinha o cabelo preso num coque bagunçado, o que deixava claro que já estava no plantão havia horas, e que aquela quantidade de gente precisando de assistência não estava nos seus planos. Ela conferiu a temperatura e fez uma anotação na prancheta.

– Olá.

– Oi – respondeu a médica sem tirar os olhos da prancheta.

– Meu nome é Francis, eu sou médico, geriatra.

– Olá, doutor. A que devemos a visita?

– Tenho três pessoas no carro do mesmo jeito. Posso trazê-los para cá?

A médica suspirou. Tirou os óculos um instante e sentou numa cadeira junto a uma mesa metálica

– Pode, Francis. Pode trazê-los para cá, desde que você cuide deles.

– Cansada, né?

– O Braga já tinha chegado para me render. Eu já estava com o pé na porta indo pra casa quando o primeiro adormecido chegou.

– Adormecido?

– É. É o jeito que estamos chamando essa gente. Parecem só estar dormindo.

Francis balançou a cabeça por alguns segundos, olhando para a septuagenária deitada na cama, que dormia e vivia um lindo sonho.

– Já volto com eles.

Francis apanhou uma cadeira de rodas ao lado do leito e saiu para a recepção. Corina, de olhos estalados e aflita, aguardava parada no exato ponto onde fora deixada. Antes de chegarem à porta, uma turma de adolescentes entrou trazendo dois homens adormecidos. Foi a vez de Francis suspirar. Nunca tinha visto coisa como aquela.

– Você é aquele médico da TV, não é?

Francis foi pego de surpresa pela pergunta feita de forma tão extrovertida, ali, no meio do salão, num tom bastante distante do que tomava aquelas pessoas aflitas. Ao virar-se, encontrou o rosto sorridente da enfermeira que tinha corrido ao laboratório com uma pilha de exames de sangue.

– É você mesmo, o médico que cuidava do asilo, não é?

– Sou eu, sim.

A enfermeira abriu ainda mais o sorriso e bateu palminhas como uma adolescente de frente a um popstar. Olhando para Corina, que acompanhava a conversa de sobranceiras erguidas, buscou suporte para o seu surto de tietagem. No entanto, Corina estava apreensiva demais para bater palmas e saltitar. Não que ela também não tivesse experimentado uma sensação de *déjà vu* em um ou outro momento na companhia do médico, só não havia encontrado a oportunidade apropriada de falar sobre amenidades, sem parecer esquisita, enquanto seus dois filhos e marido estavam misteriosamente apagados no carro. E era neles que pensava agora, vendo aquele jeito besta da enfermeira, ocupando o “seu” médico, bem no meio da ajuda providencial dada à sua família.

– Que ótimo que o senhor parou com aquela maluquice de greve de fome! Tá muito melhor agora, mais fortinho – continuou a empolgada enfermeira, até apertando a bochecha de Francis como uma avó faria com um netinho.

Francis riu do comentário e repeliu a mão da enfermeira. Não era a primeira vez que ouvia isso.

– Foi um jeito extremo de ser ouvido em prol dos meus pacientes.

– Foi lindo o que você fez, doutor Francis. Pouca gente tem essa obstinação, essa tenacidade comovente e tão altruísta.

Francis olhou para Corina e sorriu para a mulher.

– É verdade. E já que você entrou na conversa, vamos lá cuidar da sua família.

A enfermeira sorridente fez um sinal para eles esperarem, entrou no corredor do pronto atendimento e voltou com outra cadeira.

– O que a fama não faz, hein, doutor? – brincou Corina, empurrando a nova cadeira.

O trio foi para o estacionamento em direção à Santana Quantum. A mãe tomou a frente e correu abrindo a porta traseira esquerda para liberar os filhos primeiro.

Francis e a enfermeira se adiantaram, mais acostumados em transferir pacientes inconscientes de lá para cá. Corina, agoniada, passou por trás

do carro e abriu a porta do outro lado, olhando para o filho mais novo. Nenhum sinal de melhora. Continuava como o irmão e o padrasto, num apagão absoluto. Não conteve a lágrima que desceu pelo rosto, enquanto afagava os cabelos ondulados do filho. Levantou-se e inspirou fundo o ar frio da noite. Virou a cabeça para o restante do estacionamento, quando ouviu o motor de mais um veículo se aproximando. Uma picape velha de cor laranja desbotada parou atrás de uma das ambulâncias que permanecia estacionada, com as luzes ligadas e girando. O estacionamento estava ficando cheio.

Os garotos, apesar de magros, eram altos e deram um trabalhão danado para Francis e a enfermeira Flávia. Francis tinha descoberto o nome dela por meio do crachá que surgira em seu peito, em algum momento entre o segundo esbarrão na recepção e o auxílio com os pacientes no estacionamento. O chão de pedriscos também não ajudou. Mesmo com Corina auxiliando a enfermeira, foi preciso muito esforço para empurrar a cadeira de rodas que levava Rafael, o mais velho, com dezoito anos e um metro e noventa, no chão de cimento queimado da frente do hospital. Francis conseguiu sozinho trazer Henrique, o mais novo, mas quando chegou ao chão liso o suor já lhe brotava na testa. Por um instante, Corina ficou em dúvida se ficava ali com o marido, apagado, ou se seguia com os filhos, mas, vendo a dificuldade da prestativa Flávia, acabou ajudando a enfermeira. Quando adentraram a recepção, os ânimos estavam ainda mais exaltados. Uma gritaria no balcão por conta da demora no atendimento. Um médico dava explicações.

– Esse é o doutor Sérgio Braga, o chefe – explicou Flávia para Francis.

– Eu sei que todo mundo está nervoso e preocupado com os parentes aqui! – gritava o médico tentando pôr ordem no tumulto. – Eu também estou bastante preocupado. Minha esposa está aí dentro junto com um monte de gente.

– Mas, doutor, eu estou aqui já faz quarenta minutos e ninguém veio ver meu filho! – gritou um homem de pele queimada de sol e roupas humildes de roceiro. – Ele tá que parece morto.

– Esperem eu explicar o que está acontecendo. Daí vou dar um jeito de conversar e atender todo mundo!

– Tem mais dois aqui, doutor! – foi a vez de Flávia se intrometer.

O chefe do pronto atendimento lançou um olhar duro para a enfermeira. Levantou as mãos pedindo calma. O grupo de mais ou menos quinze pessoas agitadas fez silêncio. O doutor Sérgio Braga apontou para os dois garotos na cadeira de rodas empunhados pela enfermeira e por Francis.

– Vejam! Pessoas precisando de atendimento não param de chegar. Nós já estamos além de nossa capacidade faz tempo. Ainda não sabemos o que está acontecendo, ok?

O zum-zum-zum recomeçou e o médico ergueu as mãos de novo.

– Só para vocês entenderem um pouquinho, até agora ninguém morreu disso. Um senhor já está melhor. Não sabemos o que é. Tudo indica que seja algum tipo de intoxicação. Pode ser mil coisas. Já estamos fazendo exames e todos os resultados que recebemos até agora estão normais, ou seja, as pessoas não estão com infecção, ou com alteração no sangue. Parece que é algo passageiro. Não posso afirmar nada ainda, mas parece que isso vai passar de maneira tão repentina quanto começou. Vocês precisam colaborar. Esperem com seus parentes aqui, porque eles não estão morrendo.

O alvoroço recomeçou e o médico ergueu os braços mais uma vez.

– Estamos sem telefone e sem celular aqui na cidade, assim que as linhas se normalizarem eu...

– Itapetininga também está sem telefone, sem rádio também – interveio o motorista do Sistema de Atendimento Móvel de Emergência em seu uniforme azul.

– Enfim, quando tivermos as linhas funcionando vamos buscar na capital mais informações sobre essa possível epidemia.

O médico baixou os braços e pediu licença, retirando-se e tomando rumo do corredor de acesso ao pronto-socorro. O grupo pareceu arrefecer os ânimos, pelo menos por um instante, até que Flávia, Corina e Francis rumaram com os garotos para o corredor da emergência, furando a fila de atendimento. Lá dentro, Flávia procurava por leitos desocupados, porém não existia mais lugar apropriado para ninguém.

– Acho que daqui a pouco algumas dessas pessoas adormecidas vão passar para internação, doutor, lá em cima tem mais leitos. Mas tem essa parte da burocracia, né?

– Tem algum hospital particular por aqui? – perguntou Corina. – Eu tenho plano de saúde.

– Só esse aqui mesmo, senhora. O hospital particular ainda não ficou pronto.

Flávia continuou empurrando a cadeira de rodas e levou Rafael até uma sala ampla onde faziam a medicação mais lenta. Ali existiam robustas cadeiras reclináveis acolchoadas para acompanhantes.

– Bem, não é a melhor coisa do mundo, mas é nossa melhor opção – disse a enfermeira.

Francis e Corina ajudaram a acomodar Rafael na longa cadeira, bem mais confortável que a de rodas. Corina conduziu seu caçula para outro assento e foi ajudada pelo médico.

– Flávia?

O trio se virou para porta. Era o doutor Sérgio Braga. Ele tinha um olhar severo para a enfermeira.

– O que está acontecendo aqui? Com a autorização de quem está acolhendo pacientes na sala de medicação?

– Doutor Sérgio, esse é aqui é o doutor Francis, da televisão. Lembra dele?

Francis estendeu a mão, constrangido pela alcunha “da televisão”, cumprimentando o colega que retribuiu mecanicamente, ainda contrariado.

– Aquele, da greve de fome, que salvou um asilo de velhinhos em Santos.

– Ah! O famoso geriatra – tartamudeou o chefe do pronto-socorro.

– Desculpe invadir seu hospital, doutor Sérgio, mas eu estava na rodovia quando fui abordado por essa senhora. Ela encostou no posto de gasolina e notou que os dois filhos e o marido estavam assim, creio que em Glasgow 3.

– Exato. Os dois primeiros que chegaram foram intubados e, apesar dos parentes não relatarem trauma nem alterações recentes registradas, mandei-os para tomografia e radiografia, pedi os exames de rotina para trauma, assim como eletroencefalograma e eletrocardiograma. Contudo, apesar da aparência de um estado grave, nenhum deles teve qualquer

piora ou oscilação no quadro. Ao que parece, todos que entram estão num quadro estável.

– Preocupou-me muito a respiração reduzida.

– Acompanhe-me, doutor Francis.

Francis seguiu o médico até o corredor, deixando os garotos com Corina e Flávia, a enfermeira saberia acomodar os pacientes por enquanto.

Sérgio começou a andar e a falar num tom mais baixo, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo.

– Como eu disse, os nossos dois primeiros foram assim, sem alteração alguma – o médico parou e pressionou o botão do elevador. – Eles chegaram pouco depois da meia-noite – olhou para o seu relógio de pulso. – Agora são quatro e meia da manhã, então estamos falando de algo em torno de quatro horas atrás.

– Certo.

– Antes das duas da manhã já estávamos atendendo dez casos desse tipo. Às três eu estava que nem um doido tentando entrar em contato com tudo que é hospital grande da região, mas, sem telefone e sem internet, estamos aqui, ilhados. Nem pelo rádio da ambulância ou da polícia conseguimos qualquer contato.

Francis ouvia atentamente, a voz do médico evocava agora uma importância misteriosa, naquele tom que antecede sombrias revelações.

– Às três da manhã passava de vinte e um casos. Todos exatamente iguais.

As portas dos elevadores se abriram. Os médicos entraram e o chefe do pronto-socorro pressionou o botão do segundo andar.

– Minha primeira suspeita ao ver os casos chegando e aumentando no meu pronto-socorro foi de alguma perturbação metabólica.

– Por intoxicação.

– Exato, doutor Francis. Fora dois casos dos que tive contato, eram todos pacientes saudáveis, jovens, ativos, sem histórico na família de narcolepsia. Infelizmente os equipamentos de ressonância e tomografia não estão funcionando, estão com algum defeito e espero que o técnico venha amanhã solucionar isso para fazermos uma investigação profunda nesses pacientes. No exame clínico parece que não existe dano extenso

neuroológico, mas essa perturbação é o suficiente para deixá-los numa situação perigosa, limítrofe.

– Exames de sangue apontam para alguma direção?

– Não. Até agora normais. Estou me sentindo num episódio de *House*.

As portas do elevador se abriram e os médicos tomaram o corredor. Sérgio segurou Francis pelo ombro, obrigando-o a parar. Francis olhou para o lado e viu uma porta dupla branca, com as letras UTI estampadas na madeira.

– Um dos socorristas do SAMU fez um comentário que me botou para pensar. No primeiro segundo você vai achar espalhafatosa demais essa hipótese, mas ela é tão simples que faz sentido.

– Qual hipótese?

– Envenenamento.

– Mas como? São dezenas de pessoas aqui nesse hospital, talvez haja mais gente da mesma forma nas cidades vizinhas. É uma área muito extensa, peguei aqueles dois há uns trinta quilômetros daqui... o senhor não está...

– Estou. Estou supondo que fomos atacados.

– A troco de quê? Se fosse um ataque terrorista seria numa capital, não aqui no meio do nada, me desculpe a franqueza.

– Hahahaha! Não precisa se desculpar, amigo. Faz sentido sua análise, mas quais respostas podemos obter? Para algo maciço, dessa envergadura, só pode ser um ataque.

– Jesus.

– O rapaz do SAMU disse que, por volta da meia-noite, uma luz estranha brilhou no céu. Disse que parecia um avião muito grande, ficou na dúvida se era um relâmpago e, daí, ouviu um grande estrondo.

– Verdade. Verdade. Eu estava longe daqui ainda, na estrada e também ouvi um estrondo.

Sérgio passou a mão pelo rosto, visivelmente transtornado.

– Longe o quanto?

– Não sei precisar. Estava chegando em Ourinhos.

– Ourinhos... são quase 200 quilômetros.

– É uma distância impossível para estarmos falando do mesmo estrondo, do mesmo barulho.

– Um ataque explicaria também os telefones, celulares e televisões fora do ar.

– Os caixas eletrônicos também estão inoperantes. Isso é um quadro de queda da cadeia de sistemas de telecomunicação.

– Um ataque poderia ter lançado algum tipo de gás.

– Mas como um gás afetaria só uma parte das pessoas? E de forma tão homogênea? Elas estão todas num mesmo grau de afundamento de consciência. Não tem diferença entre elas; um estaria vomitando, outro desmaiando e outro tendo irritação na pele.

Sérgio fez um sinal para Francis acompanhá-lo até a UTI. Ao atravessarem a porta dupla, pararam em frente a um grande vidro. Os pacientes em cuidado intensivo estavam sendo atendidos por outros médicos e enfermeiras, que executavam suas funções tranquilamente, alheios à bagunça do andar do pronto-socorro.

– O garoto do SAMU ainda disse ter sentido um cheiro adocicado, como um perfume barato, empestecendo o ar. Isso te lembra alguma coisa, algum agente que pudesse colocar as pessoas num coma induzido?

Francis balançou a cabeça negando, não lhe ocorria nada. Os gases tóxicos mais conhecidos levariam a estados muito mais complicados que aquele. Fez uma cara estranha ao se lembrar de que também tinha sentido um cheiro no ar.

– O que foi?

– O cheiro, eu senti um aroma doce também quando vi as luzes no céu. As luzes pareciam relâmpagos. Não vi nenhum avião, mas o cheiro adocicado veio forte.

– Parece que tem chumbo grosso vindo aí.

Os dois ficaram calados um momento.

– Sérgio, desculpe, mas primeiro o senhor tem que descartar as hipóteses mais próximas da realidade.

– Eu te adverti que no primeiro instante ia me achar um maluco.

– Não, não estou te achando doido, não. Só acho que pode ser alguma intoxicação ligada a algo mais comum. Um vazamento de gás. Contaminação da água da rede pública. Algo assim.

– Qual gás que você conhece que provoca essa reação em massa?

– Precisamos de alguém da Defesa Civil envolvido no atendimento. Certamente eles têm algum especialista que poderá nos orientar.

– Difícil é dispor de algum funcionário só para ir até a prefeitura para acionar alguém da Defesa Civil. Sem celular isso está ficando pior que o inferno.

– Pode ser algum alimento. Alguma cantina móvel servindo comida estragada em algum evento grande que esteja acontecendo na cidade.

– Aqui é uma cidade pequena, doutor. Não tem show nenhum acontecendo nessas bandas por esses dias.

– Indústrias de produtos químicos?

– Só em Itapeva e Itapetininga.

A cabeça de Francis estava a mil por hora. Era uma epidemia, todos os pacientes comatosos afetados da mesma maneira. Tinha que haver uma explicação mais plausível do que um ataque químico.

– O pior é que isso não é tudo – remungou Sérgio. – Lá pela uma e meia da manhã a doutora Helena me chamou aqui. Tá vendo aquela baixinha bundudinha, de cabelos curtos?

Francis olhou para a colega de avental branco e salto alto. Realmente tinha um corpo atraente. Mas onde o médico queria chegar com aquela conversa?

– Ela ligou no ramal do pronto-socorro para eu subir. Aquela senhora na cama da ponta. Está vendo?

– Sim.

– Ela teve morte encefálica ontem pela manhã. Uma tristeza. É uma senhora de oitenta e quatro anos. Deu entrada, há duas semanas, com parada cardíaca em consequência de um acidente vascular cerebral isquêmico. Respondeu às manobras de reanimação cardiopulmonar, e estabilizamos os batimentos, mas, enfim, o edema cerebral no hemisfério direito foi muito extenso e se mostrou degenerativo e irreversível. A atividade vinha se deteriorando e, ontem pela manhã, confirmou-se a morte encefálica. Como ela é avó da nossa prefeita e por conta da burocracia, mantivemos os aparelhos ligados.

– Entendo.

– Quero que você saiba que a doutora Helena nunca, mas nunca mesmo, se enganou num caso desses. Ela é uma neurologista muito competente.

– Hum.

– Quando ela me ligou, à uma e meia, pediu para eu subir até aqui. A paciente com morte cerebral estava de olhos abertos.

Francis continuou calado.

– É muita coisa esquisita acontecendo em uma madrugada só, concorda?

A médica olhou pelo vidro e acenou para o colega. Logo saiu por uma porta lateral e veio apressada em direção aos dois.

– Estava contando aqui para o colega de Santos o caso da dona Ercy.

– Você não é o...

Francis estendeu a mão.

– Sou eu, sim.

A médica abriu um sorriso largo e olhou para Sérgio.

– Estamos tendo uma noite agitada, não é, doutor? Até celebridades estão aparecendo aqui.

– Sem sombra de dúvidas.

– E quer saber? Acho que não é dessa vez que a dona Ercy embarca. Nunca fiquei tão feliz em ter errado um diagnóstico.

– Ai é que está, Helena. Eu estava contando para o colega aqui. Você não é uma novata. Não erra. É a primeira vez que vejo isso. Apesar da paciente ainda estar em coma, é algo fascinante e inexplicável. Ontem tinha morte encefálica, hoje a pupila reage. Não estamos soltando rojões porque não sabemos qual vai ser o quadro final dessa singularidade.

Um gemido no corredor, além da porta da entrada da UTI, chamou a atenção dos três.

Helena caminhou até a porta, mordida pela curiosidade.

– Alguém deve ter se perdido por aqui.

Então, quando a porta dupla se abriu num empurrão brusco, a médica voltou para trás e caiu sentada, abatida pelo susto.

Uma enfermeira cambaleava com a mão no pescoço. Estava pálida e com a boca roxa. Seu uniforme, que deveria ser todo branco, estava

lavado de vermelho, vermelho-sangue. Vendo os médicos, ela estendeu os braços como quem pede ajuda e caiu no meio do corredor.

Helena, refeita do susto, engatinhou e chegou primeiro até a enfermeira. Pressionou sua carótida com força e, de olhos arregalados, gritou para os colegas que permaneciam paralisados:

– Ajudem aqui!

Sérgio correu para dentro da UTI e lavou freneticamente as mãos, calçando as luvas de látex e apanhando os conjuntos de pinças e suturas enquanto, do lado de fora, Francis obedecia ao comando de Helena, apanhando uma maca e ajudando-a a colocar a enfermeira em cima dela. A enfermeira se debatia e abria e fechava a boca repetidas vezes, como se tentasse falar.

– Nanda, fica quietinha, querida. Quietinha. O doutor Sérgio é especialista nesses acidentes. Vai ficar tudo bem – dizia a médica intensivista tentando acalmar a mulher.

Francis estava envergonhado por ter ficado tão atordoado com o acontecimento. Era um médico, deveria estar preparado para aquele tipo de cena. Anos o separavam da residência, quando tinha atendido em pronto-socorro, mas aquilo o tinha pegado com uma intensidade avassaladora. Quando empurrava a maca para junto da médica e da enfermeira ele estava tremendo. Adrenalina. Tinha outra coisa. A ferida. Parecia um rasgo, um rasgo feito por algum tipo de bicho, de fera.

Sérgio chegou correndo e começou o atendimento ali mesmo no corredor.

– Helena, vamos precisar de duas bolsas de sangue para a Fernanda. Francis, entre na UTI e chame as enfermeiras. Isso não tá nada bom, ela está descorada, perdeu muito sangue. Helena, eu vou pinçar a artéria. Segure firme a cabeça dela, tem que ser de primeira, ok? Agora!

A médica soltou a ferida. No mesmo segundo a enfermeira revirou os olhos e puxou a cabeça para trás enquanto um jato de sangue acertou o rosto do médico socorrista. Nesse momento um enfermeiro e uma auxiliar chegaram ao corredor.

– Bernardo, segure os pés dela – disse Helena.

O enfermeiro obedeceu de imediato.

– Como você se machucou assim, hein, menina? – perguntou o médico num sussurro retórico.

Francis nem cogitou aproximar-se. Muito ajudava quem não atrapalhava. Ficou assistindo àquela cena frenética esfregando as mãos. Um cheiro horrível chegou às suas narinas. Um cheiro que nunca tinha sentido antes. Estremeceu mais uma vez. E se o doutor Sérgio estivesse certo? E se tivessem sido expostos a algum agente químico ou biológico? Aquele cheiro poderia estar ligado a isso. Ele poderia estar inalando algum gás tóxico e mortal que só agora envolvia aquele pequeno hospital em Angatuba. Seus olhos foram para a porta dupla de acesso à UTI, a mesma porta por onde aquela enfermeira ferida tinha chegado. Um par de mãos vermelhas de sangue coagulado surgiu por uma fresta. O fedor que entrava pelas narinas ficou mais forte conforme aquelas mãos separavam as portas e atravessavam para dentro do corredor. Aquele era o pior cheiro que Francis já tinha sentido em sua vida.

Corina estava tensa demais para continuar parada no corredor do pronto-socorro. Francis parecia que ia demorar um bocado conversando com o colega interiorano. A mulher apanhou uma das cadeiras de rodas e resolveu trazer o marido sozinha. Por certo, os socorristas do SAMU que estavam lá fora seriam prestativos e a ajudariam a acomodar o pesado marido na cadeira de rodas. Depois teria uma faixa de dez metros de brita para enfrentar. Quem tinha projetado aquele estacionamento nunca precisou empurrar a mãe sobre aquelas cadeiras, pensou. Parou na recepção um instante. As pessoas tinham se acalmado um pouco, ouvindo uma ou outra consternação. Uma mulher estava com uma menininha adormecida de aproximadamente dois anos no colo. Corina passou a mão pelos braços e olhou detidamente para o salão. Eram tantos! Ao menos vinte pessoas eram amparadas por seus parentes. As crianças estavam nos colos dos pais. Já os adultos, alguns se recostavam nas cadeiras, e quatro deles estavam no chão. A situação começava a ficar caótica e para fugir completamente ao controle faltava pouco. Inconsciente, tirou o celular da bolsa, conferiu as horas. Quase cinco da manhã, logo amanheceria. Seus olhos ficaram no display. Uma cruz sobre a representação de uma antena dizia que o aparelho continuava sem sinal. Corina empunhou a cadeira

de rodas e seguiu para o estacionamento. Lá fora já se juntavam pessoas fumando e trocando impressões sobre a estranha madrugada. Os rostos estavam carregados de preocupação. Corina se pegou imaginando outras cidades mergulhadas no mesmo apagão de comunicação. Será que também existiam adormecidos em São Paulo e Osasco? Será que aquele estranha noite se repetia no Rio de Janeiro ou em Manaus? Ouviu alguém falar do barulho de um trovão, que parecia uma explosão no céu. Ela chegou a parar a cadeira de rodas ao lembrar que sim, tinham escutado o barulho na estrada. Lembrou-se que os meninos ainda estavam acordados. Henrique, o mais novo, tinha pedido que parassem o carro para observar o céu. Tinha dito que um meteoro poderia ter caído ali por perto, sendo motivo de chacota entre o irmão mais velho e o padrasto. Aquele maldito CD do Plantação tocando alto. Corina voltou com a mente para o aqui e agora e desceu a rampa, embicando a cadeira em direção ao carro. Uma corrente elétrica percorreu o seu corpo, disparando um alarme. A porta do passageiro estava aberta quando tinha certeza de tê-la deixado fechada. Chegou a sorrir por um breve segundo, imaginando que o marido tinha despertado e que isso aconteceria com os meninos também, mas daí ela a viu. Uma mulher estava eclipsada pela porta e tinha metade do corpo projetado para dentro do carro. Corina soltou a cadeira enquanto uma enxurrada de adrenalina tomava sua circulação. Ela estaria roubando seu marido? Olhou ao redor. Ninguém estava vendo aquilo? Ela continuou andando até chegar ao carro.

– Ei! O que está fazendo aí, sua vagabunda?

A mulher empurrava o corpo de seu marido em direção ao banco do motorista. Ela parou ao ouvir a voz de Corina que, por sua vez, arregaçou as mangas, preparando-se para arrancar a mulher dali à base de tapas. Entretanto, quando ela se virou, Corina, surpreendida, levou um susto tão grande que deu dois passos para trás. Não era uma mulher, era uma garota. Quinze anos no máximo. Essa era a porção surpreendente da situação, havia a parte assustadora também. Assustador era o fato da garota ter metade do rosto tomado por sangue. Do nariz até o queixo, pingavam gotas grossas de sangue vivo, tirado de seu marido. Corina levou a mão até a boca.

– Santo Deus!

A garota, ainda virada para Corina, abriu a boca e lançou um rosnado animalesco. Os olhos dela pareceram cintilar, vermelhos, por um breve segundo. Corina, aterrorizada, ficou imóvel, tremendo, enquanto a garota, como um felino se alimentando, simplesmente se voltou para a comida e tornou a empurrar o corpo do homem para o lado, fazendo-o balançar a cada investida. Corina inspirou fundo e, suprimindo todo o seu temor, correu a curta distância que a separava da porta aberta do carro e puxou a garota insana com toda a força que tinha pelas roupas. As duas caíram sobre o chão de pedra britada e Corina soltou um grito ao bater contra o chão, alto o suficiente para chamar a atenção das pessoas que fumavam do lado de fora. Corina sentiu o cotovelo raspando contra as pedras. Uma gota de sangue brotou em seu braço. Viu quando a menina louca desviou os olhos dos seus e os fixou insanamente no ferimento. As pessoas, aturdiadas, não sabiam o que estava acontecendo. Viam duas mulheres rolando no chão. Uma estava com sangue na boca; tomaram como uma ferida por causa da briga. Corina tentava se levantar a todo custo, mas a selvagem sempre conseguia derrubá-la. Corina girou sobre o quadril, ficando de frente para a garota que agarrava o seu pescoço com as duas mãos. A garota fechou os dedos com força. Corina perdeu o ar, sentindo uma pressão brutal na traqueia. quando, sem o apoio dos cotovelos, bateu a nuca contra o chão, não sem antes conseguir chutar a maluca para longe com os dois pés. Virou-se e arrastou-se, tentando se afastar da ameaça, mas sentiu novamente as mãos da garota se fecharem em seu pescoço, estrangulando-a pelas costas. Corina perdeu o ar mais uma vez. Uma dor insuportável tomou seu pescoço e sua visão enegreceu. Foi quando ouviu um barulho surdo e sentiu um impacto poderoso contra suas costas. Sentiu o corpo da adolescente desabar contra o seu e então as mãos dela afrouxaram. Corina estava respirando novamente. Tombou de costas para olhar para cima. Um homem grande, empunhando um extintor de incêndio, com a camisa suja de sangue na altura do colarinho, olhava para o corpo da garota. Ele chorava. Corina viu o homem cair de joelhos aos pés da menina e começar a soluçar. Só agora a multidão em frente ao pronto-socorro se aproximava. Todos com olhares de interrogação.

– Chamem ajuda para o meu marido. Essa maluca nos atacou e ele está sangrando.

Alguém correu para dentro do hospital.

O homem colocou a cabeça da garota desmaiada sobre suas coxas e se abaixou sobre ela, chorando ainda mais.

– Ela não é maluca, dona. Não é maluca. A Jade é um doce. Uma menina boa.

– O seu doce machucou meu marido e tentou me enforcar... – resmungou Corina esforçando-se para levantar.

A mulher foi amparada por uma senhora que terminava seu cigarro. Corina se agarrou à mão da fumante e ficou de pé, cambaleando. Viu bolinhas de luz diante dos olhos. Dois homens estavam na porta do carro olhando para seu marido. Ela se aproximou, temerosa com a leitura que teve na expressão daqueles homens. Seu marido estava caído de lado, ela o puxou para endireitar seu corpo. O sangue escapava em profusão por uma ferida aberta a dentadas no lado direito do pescoço. Corina sentiu as pernas bambearem e um embrulho no estômago. Foi segurada pelos socorristas do SAMU chamados às pressas para socorrer Eusébio.

– O que aconteceu? – perguntou o primeiro deles.

– Essa menina. Ela o mordeu, eu acho.

Em questão de segundos, Eusébio foi colocado numa maca e carregado pelos homens para dentro do pronto-socorro. Um murmurinho tomou o estacionamento. Corina parou em frente ao homem, que ainda estava de joelhos com a filha apoiada nas pernas.

– Leve-a para o hospital também. Você precisa descobrir o que ela tem.

O homem, como saindo de um transe, ergueu os olhos para Corina.

– Não adianta. Ela morreu. Eu bati forte demais.

Corina olhou para o extintor de incêndio jogado ao lado dele. Era da frente do hospital, um daqueles grandes.

– Meu Deus, homem. Ela desmaiou, leva-a pra dentro, pelo amor.

Corina correu para o hospital, queria ficar ao lado do marido ferido.

Francis ficou imóvel, aprisionado por aquela visão. As mãos empurraram as portas duplas e então um homem descalço, trajando uma bata hospitalar pisou no corredor. Ele estava ligeiramente encurvado, com a cabeça

projetada para frente. Sua expressão revelava algo doentio, selvagem. O invasor ergueu o queixo um pouco e inspirou fundo seguidas vezes. Seus olhos apontaram para o chão onde encontraram uma trilha de sangue que acabava na maca onde a enfermeira fora colocada. Ele abriu a boca num sorriso. Sua boca suja de sangue; gotas escuras descendo por pela camisola hospitalar. Algo disparou na mente de Francis, uma sinapse lógica. Era ele, era ele o responsável pela terrível ferida no pescoço da enfermeira. Juntando os pontos Francis via aquele homem agarrando a mulher e mordendo seu pescoço até atingir a artéria. Um demente, provavelmente. Sua dedução se confirmou quando viu o homem se ajoelhar e lambe o sangue do piso. Ninguém mais estava assistindo àquilo. Talvez algum segurança numa saleta escura estivesse vendo o ato bizarro por uma câmera de vigilância. O odor execrável que emanava daquele sujeito chegou a embrulhar o estômago de Francis. Aquele homem tinha ferido a mulher e, agora, louco e doente, lambia o chão. Era nojento. Era perturbador e, acima de tudo, irritante. Francis soltou o colarinho sentindo falta de ar e um suor frio brotar em sua têmpora. Aquilo não estava certo. Aquele homem hediondo não podia estar ali. Aquele homem tinha tentado matar a enfermeira. Aquele homem tinha tomado o sangue dela. Era uma besta, um demônio enviado das sombras para fazer mal a toda gente. O médico sentiu-se ofegante, sufocado por uma urgência que precisava extravasar. Francis correu até o lambedor de sangue e desferiu um potente chute em sua cabeça. O sujeito cambaleou, surpreso, e tombou de costas passando pela porta dupla, caindo no corredor perto do elevador. Sérgio e sua equipe ficaram estupefatos por um momento, mas logo o médico teve que voltar a atenção para a agulha que costurava a veia da enfermeira. Os enfermeiros que o auxiliavam foram atrás de Francis que passava pela porta dupla como um louco. Do lado de lá o homem chutado estava de bruços, praticamente nu, posto que a bata estivesse enrolada na altura de seu pescoço, e começava a virar-se para ficar de pé novamente. Mas, antes que o fizesse, foi alcançado pelo médico forasteiro, que agarrou seu ombro e desferiu um potente soco bem no meio de seu nariz. O homem foi ao chão mais uma vez, mas girou ágil como um gato e, de quatro, lançou um rosnado que fez o médico e os enfermeiros pararem imediatamente.

– Foi ele que fez aquilo com a amiga de vocês! Ele que a mordeu!

Os dois trocaram um rápido olhar.

– Precisamos sedá-lo e contê-lo, doutor. Não espancá-lo.

Francis olhou para o lado, encarando o enfermeiro. O cheiro do sujeito voltou a capturar sua atenção. Não iria sedá-lo porcaria nenhuma! Iria exterminá-lo! Francis correu na direção do sujeito, que saltou para cima de uma mesa, ao mesmo tempo fugindo do médico ensandecido e buscando um lugar mais alto para intimidar os enfermeiros.

– Eu quero o sangue da mulher! – vociferou a criatura. – Saiam do meu caminho!

– Só por cima do meu cadáver! – bradou Francis.

A criatura deu um grito feroz e saltou para o chão de ladrilhos, aproximando-se do médico que bloqueava sua passagem.

Sem pensar duas vezes o médico correu e mais uma vez se atracou com o homem louco, levando-o ao chão e desferindo socos em sua nuca.

– Pare, doutor! Vai matá-lo assim! – gritou a auxiliar de enfermagem.

O enfermeiro puxou Francis de cima do paciente e apontou o dedo para o médico.

– Se continuar com isso, vou sedar esse cara e o senhor também! Ele é um paciente!

O homem espancado se levantou. Um sangue escuro descia de seu nariz. Ele começou a rir, chamando a atenção do trio. O estranho soltou um urro, abrindo a boca e exibindo dentes pontiagudos de fera.

– Saiam da minha frente!

O enfermeiro e a auxiliar recuaram até a porta dupla, aterrorizados. Francis ficou parado em sua posição, a cerca de três metros daquela coisa, guardando a passagem. Olhou para os lados, não procurando as pessoas que ali estavam, precisava de alguma coisa para debelar a fera. Seus olhos bateram no suporte de um grande cartaz de convocação da Convenção Interna de Prevenção de Acidentes. Arrancou-o do suporte e retirou a haste retrátil, empunhando-a contra a fera, como se fosse uma espada.

O homem grunhiu mais uma vez e disparou para cima de Francis. O médico não pensou duas vezes, ergueu a haste e golpeou o selvagem

na cabeça. Aproveitando um segundo de atordoamento, cravou a haste no meio de seu peito, fazendo-o cambalear para trás, trombando contra a parede.

– Puta que pariu! – bradou o enfermeiro.

– Deus amado! – gemeu a auxiliar. – Ele o matou, Bernardo.

Francis manteve o punho firme na haste, soltando um grito também selvagem. Só largou quando as forças do estranho homem com a boca suja de sangue se esvaneceram. O médico assistiu ao homem escorregar escorado na parede, deixando um traço de sangue mais escuro do que o normal no azulejo azul-claro. Francis se abaixou e tocou o pescoço do sujeito. Estava morto. O cheiro pestilento continuava infestando o ambiente, tornando praticamente impossível continuar ali. Afastou-se tapando o nariz.

– Está morto – disse com a voz fanhosa para a plateia.

A auxiliar de enfermagem se limitou a fazer o sinal da cruz enquanto o enfermeiro apenas olhava para o médico.

– Esse cheiro está insuportável.

– Que cheiro? – perguntou o enfermeiro.

– Não está sentindo? É um cheiro azedo, horrível. Está vindo dele.

– Desculpa, doutor. Não estou sentindo cheiro de nada.

– Impossível. É muito forte e muito ruim.

O rapaz meneou a cabeça em sinal negativo e andou até o paciente caído. A haste tinha atravessado seu peito. Realmente o homem tinha restos de sangue no queixo e nas mãos. Podia mesmo ter atacado a enfermeira Fernanda, mas aquele médico não tinha o direito de ter feito aquilo. Acocorou-se e tomou o pulso do homem. Realmente estava morto.

– Você matou o paciente.

– É. Eu sei.

– Por que fez isso?

– Eu sei lá! Ele atacou a sua amiga, e queria voltar lá para machucá-la ainda mais, com aqueles dentes de monstro. E você fica com esse ar de censura imbecil me perguntando por que eu fiz isso?!

– Não estou sendo imbecil, não, senhor. Eu sou um enfermeiro, treinado para salvar vidas, o senhor me respeite – retrucou o jovem, indócil.

Francis só ergueu os braços e olhou pela janela de inspeção da porta dupla. Sérgio e Helena ainda lidavam com a enfermeira ferida, enquanto a auxiliar estava sentada no chão, chorando.

– Esse homem foi o primeiro a chegar aqui. Foi um dos primeiros a chegar nesse hospital, em estado letárgico. Estava na ala comum porque não tínhamos mais vagas na UTI. Ele deve ter acordado desorientado e precisava ser sedado, não ser assassinado.

– Ele estava fora de si, você mesmo viu, cara.

– Eu vi o senhor enfiando um ferro no peito de um paciente, foi isso que eu vi – rosnou Bernardo.

– Espera! Você disse que ele estava adormecido, igual aos outros?

– Exato.

– Puta merda!

Francis virou-se e adentrou o corredor da UTI bem quando Sérgio retirava as luvas de látex e ajudava a auxiliar de enfermagem a se levantar.

– Doutor Sérgio, venha até aqui, rápido.

Doutora Helena, com ajuda da auxiliar, empurrava a maca da enfermeira assistida até o final do corredor.

– Que comoção toda é essa, doutor Francis?

– O enfermeiro...

– Bernardo.

– Ele disse que um de seus pacientes, que entrou adormecido essa madrugada, acaba de despertar.

Sérgio alcançou Francis e, quando se dirigiam para a porta dupla, ouviram um grito de pavor. Francis se apressou e encontrou Bernardo aferrado à haste, espancando o paciente morto.

– Calma. Ele já morreu.

– Não. Não morreu, não. Ele me mordeu!

– Como é possível, enfermeiro? Eu e você vimos que ele estava morto.

– Eu achei que ele estava. Estava sem pulso. Mas, enquanto eu observava a mancha de sangue em sua boca, ele agarrou a minha mão e mordeu meu pulso com toda força – reclamou o enfermeiro, exibindo a pele perfurada e já com hematoma.

Francis tomou a haste das mãos do enfermeiro e empunhou-a. Parou com um pé de cada lado do corpo caído no chão. O homem no chão soltou um grunhido fraco e tentou levantar a mão. Francis, sem hesitar, começou a cravar a haste por todo o tórax do sujeito, encontrando resistência enquanto acertava as costelas. Depois mirou na cabeça e atravessou o crânio três vezes pelos orifícios oculares.

– Morra, morra! Desgraçado!

Francis, parou por um momento, com a haste suja de sangue empunhada. Por fim, jogou-a no chão, ouvindo o tilintar metálico. Aos poucos, o médico de Santos recuperou o controle da respiração, puxando o ar mais fundo e recobrando o fôlego. O fedor tinha desaparecido. Francis olhou para as mãos trêmulas sujas de sangue.

Sérgio, atônito, caminhou até o colega e segurou seu braço.

– Vocês podem me explicar que diabos está acontecendo aqui?

Francis simplesmente meneou a cabeça em sinal negativo.

– Acho que estou ficando louco, doutor. Louco.